

# Congresso Governo cobra adesões e não força paralela

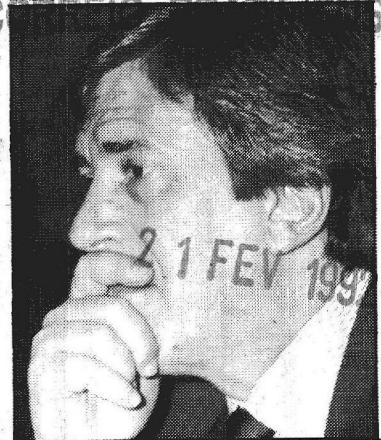
Da Sucursal

**São Paulo** — O desejo do Governo é ter novas legendas em seu bloco de sustentação no Congresso. Somar, sim. Dividir ou preterir, não. Este foi o compromisso assumido publicamente ontem, nesta capital, pelo futuro ministro-chefe da Secretaria de Governo, Jorge Bornhausen, e o irmão mais velho do presidente da República, Leopoldo Collor de Mello, presidente do PRN/SP.

Ambos garantem, agora, que estão superadas todas as divergências surgidas a partir da nomeação do deputado federal Ricardo Fiúza (PFL/PE) para o cargo de ministro da Ação Social e a consequente demissão dos secretários nacionais de Habitação e do Saneamento, Ramón Arnus e Walter Annicchino, que desde o início do governo Collor mantiam boas relações com o PRN paulista.

De acordo com informações do deputado federal Euclides Mello, primo dos irmãos Collor, o acordo de ontem foi acertado na noite de terça-feira, na residência do presidente da Caixa Econômica Federal, Álvaro Mendonça, em Brasília. Esta-

VALDO CAVALCANTI



**Leopoldo:** arestas aparadas

vam presentes os ministros Fiúza e Marcos Coimbra (secretário-geral da Presidência da República), Leopoldo Collor de Mello, Lafaiete Coutinho (presidente do Banco do Brasil).

**Roupa suja** — Toda a roupa suja foi lavada durante este jantar. Ao final, Bornhausen e Leopoldo haviam acertado o encontro que fizeram ontem, como forma de dar uma demonstração pública de que "o PRN não será tratado como filial do PFL" pelos ministros da Ação Social e do Governo, segundo o presidente do PRN.

Bornhausen chegou à sede do PRN paulista às 11h35, passou rapidamente pela sala da presidência e em seguida foi conduzido ao auditório por Leopoldo e pelo secretário-geral do partido, o ex-deputado estadual Marco Antonio Castelo Branco, o político mais cotado para dis-

putar a sucessão da prefeitura paulistana pelo PRN.

Leopoldo fez as honras da casa e falou primeiro. Disse que no dicionário do PRN/SP não existem as palavras "dividir nem preterir". E, procurando ser gentil com Bornhausen, acrescentou: "Sabemos que no PFL ocorre o mesmo". Suas últimas palavras procuraram estabelecer um caminho de duas mãos: "Esteja certo de que o PRN não lhe faltará em nenhum momento, assim como acreditamos que o senhor jamais nos faltará", disse o irmão mais velho do presidente Collor a Bornhausen.

**Vamos somar** — Político dos mais experientes, o futuro ministro Bornhausen deixou claro, logo de início, que foi ele quem pediu aquele encontro, e que o PFL e o PRN estão nas mesma trincheira e trabalhando com o mesmo objetivo: aprovar os projetos do governo Collor no Congresso Nacional.

Bornhausen garantiu ainda que não vai fazer nenhuma diferença entre o PFL e o PRN e aproveitou para incentivar os parlamentares do partido do presidente Collor a lutar por obras e benefícios para os municípios que representam. Até porque, na sua opinião, "isto não é fisiologismo, mas cumprimento do dever parlamentar".

Foi o bastante para que o ex-senador Jorge Bornhausen saísse da casa do adversário aplaudido de pé.